

Estágio Curricular no Grupo Almedina

Diogo Manuel de Freitas Tellechea

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Abril de 2017

Estágio Curricular no Grupo Almedina

Diogo Manuel de Freitas Tellechea

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Abril de 2017

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Luiz Fagundes Duarte.

Resumo

Este relatório, escrito no âmbito do mestrado em Edição de Texto, tem como objectivo dar a conhecer um grupo editorial – Almedina – e o trabalho de um estagiário no seio desse grupo e dentro de um departamento específico, o editorial. Começando com uma pequena história da editora e descrevendo como funciona o trabalho neste departamento em particular, seguir-se-á o relato das actividades que pude desenvolver durante os quase três meses em que ali estive. A finalizar o relatório, encontra-se uma pequena reflexão sobre o meu trabalho, a editora e a relevância deste mestrado.

Palavras-chave: Almedina, Edições 70, Actual, Revisão de Texto, Edição de Texto, Mestrado

Abstract

The objective of this report, written in the framework of the master's degree in Text Editing, is getting to know an editing group – Almedina – and the work of an intern within a specific department of this group, the editorial department. After a brief glimpse of the history of the publisher and a short description of how this department works, I will account for the activities undertaken during this 3-month period. As a conclusion a small reflexion of my work, the publisher and the relevance of the master's degree will be due.

Keywords: Almedina, Edições 70, Actual, Proofreading, Text Editing, Master's Degree

Índice

Agradecimentos.....	5
Introdução	6
1. A Almedina – passado e presente	8
1.1. Passado	8
1.2. Presente.....	10
2. O catálogo	11
2.1. Edições Almedina.....	11
2.2. Edições 70.....	11
2.3. Actual.....	12
3. A edição.....	14
4. O estágio	17
4.1. Revisão.....	17
4.1.1. Em PDF	17
4.1.2. Contraprova.....	19
4.1.3. Em <i>Word</i> - OCR.....	19
4.2. Índices remissivos	20
4.3. Tradução	21
4.4. Apreciação de obras.....	22
4.5. Outros.....	23
4.6. Lista de obras	23
5. Reflexão.....	25
5.1. As minhas dificuldades e a importância do mestrado.....	25
5.2. A perspectiva editorial no Grupo Almedina	27
Conclusão	29
Fontes	30

Agradecimentos

Quero agradecer ao Professor Luiz Fagundes Duarte a sua preciosa ajuda e orientação na construção deste relatório.

Agradeço também ao Grupo Almedina pela oportunidade dada, nomeadamente a Suzana Ramos, Sara Lutas e Cristina Libério, que supervisionaram o meu trabalho na editora, bem como a Paulo Ribeiro, o meu orientador no local do estágio.

Introdução

O estágio curricular que realizei no âmbito do mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa teve lugar no Grupo Almedina, em Lisboa. Da transposição dessa experiência para o papel surgiu aquilo que aqui vai ser relatado. Porém, não só de relato viverá este relatório; a minha experiência nesta empresa será também alvo de reflexão: analisarei as tarefas que me foram atribuídas e se as cumpri ou não da melhor forma, se os conhecimentos adquiridos nos seminários foram ou não de utilidade para o estágio; tentarei ainda, além disso, analisar a visão que o Grupo Almedina tem sobre a edição de texto e a minha perspectiva sobre a mesma.

Portanto, numa primeira fase, o foco do trabalho estará exclusivamente na descrição científica da minha acção na Almedina. Conto uma variedade de actividades realizadas quase sempre dentro do domínio de um hiperónimo sob o qual podem ser nomeadas, o da revisão de texto. Ao dizer isto, penso na revisão no sentido clássico de rever os erros de um texto, na revisão da inserção das correcções da parte do paginador, na revisão da mancha e da estrutura do texto ou até na revisão das propostas de correcção da parte de outros revisores. Além deste trabalho intenso de revisão, que ocupou a grande maioria das 400 horas do estágio, tive também a oportunidade de fazer índices remissivos, traduzir algumas capas e contracapas de livros, dar pareceres sobre a escolha de livros para eventuais publicações e até de assistir a uma reunião de apresentação de novos livros que iriam ser publicados. Penso que se tratou de um estágio com uma variedade aceitável de tarefas, o que fará por consequência, espero, com que este relatório tenha uma substancial riqueza de conteúdo.

Como é natural, tendo em conta a área disciplinar do mestrado, fui inserido no departamento editorial da Almedina, onde tive a oportunidade de trabalhar de perto com Suzana Ramos, editora responsável pelas Edições 70, Conjuntura Actual Editora e edições gerais da Almedina, Sara Lutas, editora responsável pela Minotauro e com Cristina Libério, assistente editorial. Todas foram sempre extremamente prestáveis, simpáticas, bondosas, compreensivas, sempre preocupadas em tentar ensinar-me o que podiam e o que o tempo lhes permitia.

Darei então início a este relatório com um breve enquadramento do Grupo Almedina no âmbito do mundo da edição em Portugal, referindo também alguns dos

momentos mais marcantes da sua história. Veremos ainda por que departamentos a empresa é constituída, e como o departamento editorial está inserido nesse contexto. Num segundo ponto, descreverei a cadeia da edição de um livro, isto é, veremos por que momentos passa o livro e quais as funções de cada posto na sua produção; este ponto não será uma descrição geral, mas sim baseado na minha experiência na Almedina, e por isso diferirá seguramente do sistema de produção de outras editoras.

Posto isto, começarei a descrição das tarefas que me foram incumbidas durante aquele período, porventura não de todas, mas com certeza das que considero mais relevantes. Por exemplo, não teria grande utilidade, e tornaria este relatório bastante repetitivo, a descrição de duas tarefas em tudo semelhantes à excepção do conteúdo da obra e do seu título, ou seja, descrever a realização de dois índices remissivos onomásticos, embora que de livros diferentes, não é uma ideia que me pareça enriquecedora para este trabalho, uma vez que o método utilizado para a realização de cada um é o mesmo. O que farei será, pelo contrário, relatar o tipo de actividades distintas que tive a oportunidade de realizar e descrevê-lo de forma a dar um panorama geral e alargado sobre aquilo que foi o meu trabalho. De seguida, como referi, seguir-se-á um capítulo de pendor mais subjectivo, não entrarei, claro, em grandes detalhes sobre a estrutura interna da Almedina, mas, através de vários exemplos, creio que poderemos chegar a uma conclusão sobre o rumo que este grupo decidiu tomar no que à edição de livros diz respeito.

Será, portanto, um trabalho que irá do geral para o particular. Começando pela constituição da empresa seguiremos as diversas etapas que desembocarão na minha reflexão sobre o trabalho na Almedina.

1. A Almedina – passado e presente

1.1. Passado

Tal como existem a Leya e a Porto Editora, existe a Almedina. Mas tal como nem sempre existiram a Leya nem a Porto Editora, também nem sempre existiu a Almedina.

Fundada em 1955 por Joaquim Machado, a Almedina era uma livraria situada perto do Arco de Almedina, em Coimbra. Desde o início, Joaquim Machado aventurou-se pelos meandros da actividade editorial e, tendo em conta o forte espírito académico da cidade, a aposta do fundador dirigiu-se ao público universitário, nomeadamente aos estudantes da área do Direito. E assim começou a Almedina, como uma editora jurídica que publicava textos dos professores da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Os anos foram passando e a Almedina expandindo-se pelo país. Em 1968, abriu uma nova livraria em Coimbra, na Rua Ferreira Borges e, nos anos 70, abriu outra livraria em Lisboa. A Almedina era por esta altura, e seria assim até meados dos anos 90, uma empresa de um homem só: Joaquim Machado. O número de colaboradores ia crescendo mas o fundador desta editora e rede de livrarias manter-se-ia até perto da sua morte, em 2005, sempre envolvido na empresa.

1996 foi um ano fundamental para o novo rumo que a Almedina iria tomar. Carlos Pinto, genro de Joaquim Machado, entrou para a empresa naquilo que foi uma espécie de passagem de testemunho da liderança da editora. Engenheiro de formação e tendo trabalhado na SONAE, Carlos Pinto contribuiu para a internacionalização da Almedina. Em 2005, a editora criou a Almedina Brasil, dando então esse primeiro passo rumo a uma expansão do negócio além-fronteiras. Quanto aos Palop a presença da empresa não é tão significativa, mas, ainda assim, existem várias parcerias com os mercados de Angola e Moçambique.

Dois dos momentos mais marcantes nestes quase 62 anos de história da Almedina aconteceram apenas nos últimos dez. Esses momentos foram a aquisição de outras duas editoras: a Actual Editora e as Edições 70. A Actual Editora foi fundada em 2005 e edita livros relacionados com as áreas da Economia e Gestão. Em 2008, foi adquirida pela Almedina, tendo sido assim englobada numa estrutura com maior

solidez e obtido a possibilidade de acesso a um mercado de maior dimensão. Com as Edições 70 o mesmo se passou, sendo, porém, uma editora com mais história do que a Actual, pois foi fundada, como o nome indica, nos anos 70, ao certo em 1970. As Edições 70 tiveram de início bastantes dificuldades em existir devido à censura do período anterior à Revolução de 1974. Mas a partir de 1976, num novo cenário de liberdade política e intelectual, esta editora começou a expandir-se e a tornar-se um marco de referência na área das ciências sociais e humanas. Possuidora de um catálogo bastante variado e de muitas colecções nos domínios da Filosofia, Antropologia, Sociologia, Arquitectura, História, Antiguidade Clássica, Música e Arte em geral, a aquisição das Edições 70 foi de facto uma grande aposta da Almedina no sentido da diversificação do seu catálogo e da sua afirmação enquanto grupo editorial de relevo em Portugal.

Podemos concluir então que neste momento o principal foco do Grupo Almedina está no domínio da não-ficção. Começando no sector jurídico em 1955 e continuando com a compra de duas editoras importantes em áreas complementares do meio universitário vemos que há uma aposta forte no mercado académico que tem obtido bons resultados.

Resta ainda falar de uma pequena chancela do Grupo, a Minotauro. A Minotauro começou em 2009 como uma chancela da Almedina onde se pretendia editar livros da literatura espanhola contemporânea. O sucesso, contudo, acabou por não ser o esperado e a chancela deixou de editar em 2011. Não deixa, no entanto, de ser de assinalar a tentativa de um grupo, reconhecido sobretudo pelos seus textos ensaísticos, fazer uma incursão ainda que breve pelo território da literatura. Em 2017, porém, a Minotauro ganha uma nova vida e recomeça a editar, já não literatura espanhola, mas obras de ficção direccionadas a um público mais jovem. Esta é então uma tentativa do Grupo Almedina de alargar cada vez mais o seu público-alvo e tornar-se numa das maiores empresas do sector do livro em Portugal.

Actualmente, a Almedina detém doze livrarias espalhadas pelo país e uma livraria *online*, possui escritórios em Coimbra (sede), Lisboa e Porto. Continua a ser dirigida por Carlos Pinto e há pouco tempo também pela sua filha Rita Pinto.

1.2 Presente

Não fiquemos, porém, com a impressão de que a Almedina apenas possui um departamento editorial. Como uma empresa de média dimensão a Almedina possui, além deste, uma variedade de departamentos cujo objectivo é a venda de livros e o lucro financeiro. Este último é obviamente um objectivo comum a todas as empresas. Existe, assim, um departamento comercial responsável pela venda dos livros editados pelo Grupo; um departamento logístico que se ocupa do armazém e do envio dos livros; um departamento de *marketing* que está encarregado de utilizar as melhores estratégias para fazer com que os livros tenham um elevado número de leitores (para tal recorre-se a várias campanhas de promoções ao longo de todo o ano); um departamento de retalho, que supervisiona o trabalho das livrarias; um departamento de recursos humanos; um departamento informático e um departamento financeiro. Ao contrário de editoras mais pequenas, que apenas possuem 4 ou 5 funcionários que fazem tudo desde a produção à venda dos livros, a Almedina tem um sistema muito profissional e bem organizado, o que faz dela um dos grupos editoriais de maior dimensão e com um maior lucro financeiro em Portugal.

Além do sector livreiro, a Almedina também participa em conferências e disponibiliza uma base de dados jurídica contra pagamento. Falo nisto para demonstrar que o departamento editorial em que estive inserido não é mais do que uma peça de uma grande organização. A edição de livros é, pois, tida como uma área que está em pé de igualdade com as outras.

Referi no início deste capítulo a Leya e a Porto Editora, uma vez que são, parece-me, os exemplos em Portugal que mais se aproximam da Almedina, embora a uma escala superior. Tanto um como o outro são grupos editoriais que adquiriram novas chancelas ao longo dos anos e foi graças a essas aquisições que se tornaram quase hegemónicas no mercado editorial em Portugal. Hoje em dia, a Almedina tem uma posição semelhante à dessas duas empresas naquilo que diz respeito ao mercado editorial de livros técnicos e de ciências sociais e humanas.

2. O catálogo

Como se poderá calcular através da pequena história que acabámos de apresentar, o Grupo Almedina tem um dos catálogos mais diversificados, senão o mais, no que diz respeito a textos ensaísticos. Além dos livros de Direito, que desde sempre lhe pertenceram, o catálogo da Almedina conta com os títulos que anteriormente pertenciam à Actual e Edições 70. Uma vez que o meu trabalho neste grupo decorreu exclusivamente no departamento das edições não-jurídicas (Actual, Edições 70) não me alongarei demasiado com explicações sobre o catálogo jurídico: primeiro, porque nada teve que ver com o meu estágio e segundo, porque o meu conhecimento sobre o mesmo é bastante reduzido.

2.1. Edições Almedina

As Edições Almedina são hoje a editora jurídica de maior relevo em Portugal. O seu catálogo conta com algumas das figuras mais prestigiadas da área do Direito no nosso país, bem como com manuais e códigos fundamentais para qualquer estudante de Direito: Código Civil, Direito Fiscal, Código do Trabalho, Teoria Geral do Direito Civil. Além das versões regulares destes manuais, a Almedina publica também versões anotadas de vários destes textos feitas por professores, o que permite ao estudante uma melhor compreensão dos mesmos.

Porém, as Edições Almedina não publicam apenas livros de Direito. Existem alguns livros dedicados às áreas das ciências sociais e da Linguística, por exemplo, apesar de o foco principal da editora permanecer sempre na área jurídica.

2.2. Edições 70

O catálogo das Edições 70 é muito variado dentro das áreas das ciências sociais e humanas e será seguramente um dos mais importantes no domínio ensaístico de entre todas as editoras portuguesas. A qualidade das obras publicadas é sempre a prioridade para a editora; portanto, é sem surpresa que ao passar os olhos pelo seu catálogo encontramos nomes como Claude Lévi-Strauss, Theodor W. Adorno, Michel Foucault, Immanuel Kant, Martin Heidegger, Wassily Kandinsky, Thomas Kuhn,

Tzvetan Todorov, Martin Gilbert, Gilles Lipovetsky, Pierre Grimal, Roland Barthes, Jürgen Habermas ou Paul Ricœur. Estes são alguns dos nomes que compõem o catálogo da 70, e, como podemos observar, trata-se de alguns dos nomes mais importantes nas suas áreas: Filosofia, Antropologia, História, Sociologia, Semiótica, etc. Além destes, as Edições 70 publicam ainda uma grande variedade de textos da Antiguidade Clássica: de Sófocles a Eurípides, à filosofia de Platão e de Séneca, são estes alguns dos exemplos da vasta colecção de *Clássicos Gregos e Latinos*.

À excepção dos livros *Extra-Colecção*, os restantes aqui editados são sempre publicados enquanto parte de uma colecção e cada colecção tem a sua estética própria. Algumas das mais importantes são a *História Narrativa* onde têm sido publicadas as Histórias de diferentes países; a *Biblioteca 70*, que publica pequenas obras sobre diferentes temáticas das ciências sociais; a *Textos Filosóficos*, cujo nome tudo diz e a *História & Sociedade* em que são abordados temas como a globalização, a colonização ou os nacionalismos. Existem muitas mais colecções, umas há muito que não têm continuidade, mas outras, como as que mencionei e mais algumas, continuam e continuarão como pedras basilares da editora devido à sua grande abrangência e importância. Outro aspecto importante e que define a imagem desta editora é a parte estética. Por norma, cada colecção tem uma directriz no que diz respeito à estética do livro, isto é, as capas da colecção *Biblioteca 70*, por exemplo, têm todas o mesmo desenho, o mesmo acontece com as restantes colecções. Geralmente as capas são sóbrias e contêm apenas o título da obra, o nome do autor e uma cor de fundo. Porém outras há, sobretudo as respeitantes às colecções de História, que são compostas por pinturas ou fotografias alusivas ao tema tratado no texto.

2.3 Actual

A Actual, sendo uma editora mais recente, não tem a história e o prestígio das outras duas; não deixa, no entanto, de ser uma editora de referência no campo do livro de Economia e Gestão. Tal como as Edições 70, a Actual está organizada por colecções e algumas das mais importantes são a *Harvard*, em cujos textos professores universitários, investigadores e especialistas exploram assuntos relacionados com as áreas da Economia e da Gestão; na colecção *Gestão* são publicados livros sobre a

gestão de empresas dirigidos ao público em geral; na *Espírito de Negócios* os livros funcionam como ferramentas de forma a que o leitor desenvolva competências e adquira novas formas de abordagem a problemas que possam surgir em diversos domínios da vida pessoal e profissional. Como é regra no Grupo procura-se acima de tudo a qualidade do livro aquando da sua escolha, e a verdade é que quem os lê não ficará certamente defraudado, na medida em que se encontram neste catálogo alguns dos livros mais importantes das áreas económica e de gestão.

Quanto à parte estética: não é o ponto forte desta editora, as capas não são de um elevado nível de criatividade. Normalmente trata-se de capas estandardizadas para cada colecção com uns efeitos no fundo.

3. A edição

A partir deste capítulo dedicar-me-ei exclusivamente àquilo que diz respeito à edição no Grupo Almedina, nomeadamente nas Edições 70 e Actual, uma vez que as minhas funções na empresa se desenrolaram apenas neste departamento. Creio que seria interessante, para situar o meu trabalho com maior clareza, dar a conhecer o processo da edição de um livro até à sua publicação. Começarei então por fazê-lo na medida dos meus incompletos conhecimentos.

Todas as editoras têm o seu sistema de produção de livros e a Almedina não é excepção. Umas diferirão desta em certos aspectos, ou porque a revisão é feita em dada fase do processo e aqui é feita noutra, ou porque a paginação é feita internamente ali e aqui não, mas o que é certo é que mais ou menos todas as fases que aqui vão ser descritas são transversais a todas as editoras, independentemente da forma como são executadas.

1. Ora, a edição começa com o texto manuscrito ou tipografado que está nas mãos do seu autor. Mas a edição de que quero falar começa de outras formas: no caso de um texto originalmente em português pode começar com o envio desse original para a editora; no caso de se tratar de um texto estrangeiro pode começar com uma busca do editor por esse livro na língua estrangeira; pode ainda começar como resultado de uma recomendação de um terceiro.
2. De seguida o editor avalia o texto: será bom ou não publicá-lo e porquê? Estando o texto avaliado pelo editor, e caso o parecer acerca da sua publicação seja favorável, o editor propõe o livro à administração que, baseada na sua análise aos pontos fortes e fracos do livro, tomará a decisão final.
3. Uma vez aceite o parecer do editor, dá-se início a uma longa fase de produção do livro. Existem contactos com o autor do livro, ou, no caso de uma tradução, com quem detém os direitos do original. São assinados contratos. Esta é a fase burocrática.

4. Quando finalmente os trâmites legais foram ultrapassados, o texto é revisto por um revisor externo ou interno à Almedina, num documento *Word*. No caso de uma tradução, o processo é sempre mais moroso, uma vez que, como é óbvio, é preciso em primeiro lugar verter o original para português e apenas de seguida fazer uma revisão do texto.
5. Feita a revisão, o texto é enviado para o paginador numa gráfica, que o pagina de acordo com as instruções do editor.
6. Depois de paginado, o texto volta para a editora para que o revisor o leia mais uma vez. Isto acontece porque pode ter havido erros na transposição do *Word* para o documento PDF em que fica o texto após paginado. Também serve esta fase para verificar as translineações.
7. O texto regressa mais uma vez ao paginador que insere as alterações feitas pelo revisor; se estas forem reduzidas o documento fica pronto, se forem abundantes o texto volta de novo ao revisor para verificar novamente se alguma das correcções ficou por inserir.
8. Podemos considerar agora o miolo do livro como fechado. Falta somente capa, contracapa e badanas. O texto que aparece na contracapa e badanas geralmente é escrito pelo editor ou por um assistente de edição. A capa é feita na gráfica.
9. Depois de todas estas fases, o livro está totalmente fechado e pronto a ser impresso na gráfica.

Claro que existem muitos outros pormenores que não foram aqui mencionados, ou porque irrelevantes numa descrição em traços largos ou por ignorância da minha parte. O editor está sempre a par de todas estas fases e supervisiona o trabalho dos revisores e tradutores, é ele também que mantém o

contacto contínuo com os autores caso surjam dúvidas ou caso haja mudanças a fazer, sugeridas pelo autor ou pelo próprio editor.

Está então conhecido o trabalho de produção de um livro, que não é, diga-se, o único que compete ao departamento editorial, existe um grande número de pormenores como a apresentação dos livros, a realização de folhas de custo, e outros, que são também realizados aqui. As fases do processo em que mais me demorei foram as da revisão do texto e não será ao acaso pois são as fases que melhor conheço tendo sido um dos seus intervenientes.

Seguir-se-á, portanto, um capítulo em que descreverei as actividades que realizei no Grupo Almedina no âmbito deste departamento.

4. O estágio

O meu estágio curricular no Grupo Almedina começou na segunda-feira dia 3 de Outubro de 2016 e terminou na sexta-feira dia 16 de Dezembro de 2016. Durante esses dois meses e meio tive a oportunidade de participar no processo de edição de alguns dos livros publicados pelas editoras Actual e Edições 70.

Darei então, de seguida, conta das actividades que realizei durante este período, irei dividi-las por tipo de actividade. Poderia fazê-lo cronologicamente, mas penso que daquela forma teremos uma ideia melhor da actividade em si e de todas as suas componentes.

4.1. Revisão

4.1.1 Em PDF

Começo pela revisão porque foi sem dúvida a fase do processo de edição que ocupou a maior parte destas 400 horas de estágio.

Existem vários tipos de revisão. Aquele que mais vezes realizei foi o da revisão de texto num documento PDF após este ter sido revisto por outro revisor. Não era, portanto, uma primeira revisão, essa é feita em *Word*. Neste tipo de trabalho o revisor, em princípio, não deverá fazer muitas emendas ao texto, uma vez que este já foi revisto. A maior parte das emendas deverá ocorrer ao nível das translineações, por exemplo, não se devem cortar nomes de pessoas, não se deve cortar uma palavra quando esta passa para a página seguinte, não se deve ter duas palavras iguais no fim de duas linhas consecutivas; existem vários pormenores destes que, parecendo que não, têm uma importância decisiva para o aspecto final da mancha gráfica do livro. Naturalmente, o primeiro revisor do texto em *Word* não teve a possibilidade de ver o texto paginado e portanto este trabalho tem de ser feito de raiz pelo revisor do PDF. Também é importante rever o texto integralmente após a primeira revisão, porque subsistem sempre erros que não são assinalados ou pode acontecer também que algum erro na paginação traga novos erros ao texto. Logo, uma leitura atenta do texto depois de paginado é muito importante. Após estas duas etapas, o revisor deve conferir se o

índice dos conteúdos está correcto, bem como ver se não existe nenhum erro nas cabeças das páginas.

Seguem-se agora alguns excertos de alguns dos textos em que tive de aplicar este processo:

Marsh observou também que «a China tem sido demasiad~~o~~^a generosa com os Estados Unidos» por deter tantos títulos do Tesouro norte-americano, e que tem agora de «ser generoso com o povo da China». Segundo o OMFIF, uma forma de salvaguardar os bens da China «seria convencer os devedores a receberem empréstimos em *yuans*».

O relatório do OMFIF acrescenta ainda:

A China está interessada em diversificar o seu portefólio, além do dólar. Quando as reservas ultrapassarm¹ 1 bilião de dólares em 2005, o governador Zhou Xiaochuan, do Banco Popular da China, declarou: «Temos que chegue.»

Figura 1 - Excerto de *O Grande Reajustamento*, de Willem Middelkoop

Muitos dos erros que se encontram nos textos paginados são erros como os que vemos neste excerto de *O Grande Reajustamento*, de Willem Middelkoop. Erros que têm a ver mais com a rapidez da escrita. Ao longo de todas as revisões que fiz a troca de letras como em “demasiado” ou a sua falta como em “ultrapassaram” eram dos erros mais frequentes.

Na introdução de *Histórias de África: Capitalismo, modernidade e globalização*, Frederick Cooper reflete sobre o seu percurso. Trata-se de uma reflexão que acrescenta mais um capítulo^a uma das questões a que tem regressado recorrentemente: ^a construção do conhecimento científico. A autoanálise de um

Figura 2 - Excerto de *Histórias de África*, de Frederick Cooper

da administração eram deixadas a cargo de elites locais preexistentes ou entretanto designadas pelas autoridades europeias. Esta política opor-se-ia à política de *direct rule*, que designava o controlo direto e centralizado dos administradores europeus sobre todas as matérias governativas

Figura 3 - Excertos de *Histórias de África*, de Frederick Cooper

Aqui temos dois exemplos de translineações que se devem evitar: palavras idênticas ou hífen no fim em duas linhas consecutivas.

4.1.2. Contraprova

Outro dos tipos de revisão que realizei durante o estágio foi o da verificação da inserção no documento PDF das alterações que sugerira num momento anterior. Isto é, verificar se o paginador inseriu correctamente as emendas. A este tipo de exercício chama-se contraprova e é feito de forma relativamente rápida, uma vez que não é necessário reler o texto na íntegra, mas apenas comparar a primeira prova com a segunda. A sua lentidão ou não depende exclusivamente da quantidade de emendas propostas pelo revisor, que se for grande fará com que o trabalho possa ser um pouco mais demorado. Não há dificuldades grandes na realização desta tarefa, diria que é algo de quase automático, as dificuldades estão mais no lado do paginador, uma vez que nem sempre é possível inserir as emendas todas sem desformatar a mancha gráfica.

4.1.3. Em *Word* - OCR

O terceiro e último tipo de revisão que realizei neste estágio curricular foi o da revisão de textos que estavam num suporte físico e foram transferidos para o suporte digital através de um *software*, o OCR (*Optical Character Recognition*). Revi estes textos em *Word*, e tinha como objectivo ver se o texto em *Word* correspondia ao texto físico, que estava num livro. Este processo é utilizado quando se querem fazer reedições ou reimpressões de um livro que foi editado anteriormente. Não é um trabalho em que seja exigido um grande esforço intelectual, uma vez que nos limitamos a verificar se

está tudo como no livro original. Existem, por vezes, muitas diferenças devido ao programa - OCR - que é utilizado que distorce algumas palavras. Por exemplo, a letra “l” é muitas vezes trocado pela letra “i”, por vezes aparecem pontos de interrogação em vez de certas letras devido à similaridade entre as duas formas. Nunca se trata de erros de conteúdo, são apenas erros em algumas letras, que seriam facilmente trelidos se a atenção à leitura não fosse máxima.

4.2. Índices remissivos

A tarefa de fazer índices remissivos não é, ao contrário da revisão, comum a todas as editoras. Isto deve-se ao facto de um índice remissivo ser necessário sobretudo para textos de estudo, que são normalmente ensaios ou textos históricos, isto é, textos de não-ficção, pois é muito útil ao leitor, para não ter de ler o texto todo e se limitar ao seu campo de estudo, um índice onde poderá ir directamente ao tema que lhe interessa.

É então evidente que no departamento editorial da Almedina seja necessário fazer bastantes índices remissivos. Não fiz nenhum de raiz, ou seja, quando digo que fiz um índice remissivo estou a dizer que procurei no texto a que páginas correspondiam os conceitos e inseri os números das páginas no respectivo conceito ou nome. Não defini os conceitos e nomes que deveriam fazer parte do índice.

Os índices remissivos divergem na dificuldade da sua realização consoante o seu tipo. Se se trata de um índice onomástico a dificuldade não é muito elevada, porque apenas é necessário pesquisar pelo nome da pessoa de forma automática e colocar no índice o número da página em que o nome aparece. Já quando se trata de um índice de conceitos o caso muda de figura: não basta procurar automaticamente pelo conceito, é necessário ler o texto de forma a perceber se o conceito está a ser tratado mesmo não sendo nomeado; neste caso a busca automática é impossível.

Como podemos perceber, a execução de um índice remissivo é um trabalho bastante moroso, apesar de não exigir grande esforço intelectual: se o índice for composto por nomes e conceitos, e se cada uma das entradas tiver um grande número de referências, poderá ser um trabalho de semanas.

Vemos aqui um exemplo de um índice remissivo que realizei durante o estágio:

testemunhos presenciais, 23-24, 27-28, 40-41, 53-54, 58-59, 72, 89, 254; descrições de assassinatos e violência, 77, 120-121, 126-127, 167, 186, 200, 265; retratos dos outros reclusos, 11-12, 111-113, 192-197, ; retratos dos perpetradores, 81, 92-93, 95-96, 119-120, 138-139, 167; como meios de recuperar a auto-estima, 120-121, 225-226, 266, 273; tendência para registar apenas os acontecimentos extraordinários, 88, 255-256

Figura 4 - Excerto do índice remissivo do livro *Antes de Auschwitz*, de Kim Wünschmann

Fechenbach, Felix, 51-52, 304n171
Federn, Ernst, 207
Feinberg, Abraham, 249
Feinberg, Alfred, 248-249
Feinberg, Rosa, 249
Feldheim, Heinz, 180

Figura 5 - Excerto do índice remissivo do livro *Antes de Auschwitz*, de Kim Wünschmann

Temos aqui o exemplo de um índice remissivo do livro *Antes de Auschwitz*, de Kim Wünschman. Esta foi a minha primeira tarefa do estágio e nestas duas imagens podemos aperceber-nos da diferença que é a realização de um índice de conceitos, como é o caso da primeira imagem, e de um índice onomástico, que vemos em baixo. O próprio número de referências a conceitos atesta da diferença de dificuldade entre ambos.

4.3. Tradução

Outra das actividades que tive a oportunidade de realizar, embora me tenha ocupado uma parte muito pequena das 400 horas, foi a de traduzir os textos de contracapa e as badanas de alguns livros originalmente em inglês. Foi um dos trabalhos mais exigentes intelectualmente porque traduzir não é uma actividade linear ou literal, é necessário procurar a melhor palavra a utilizar em determinada situação; e, apesar de

a palavra no original poder ser uma, isso não quer dizer que traduzida essa palavra seja sempre outra, ou sempre a mesma outra, tudo depende da circunstância.

Existem, por exemplo, certas coisas que para um público norte-americano são evidentes, mas que para um público português não o são tanto, como nomes de revistas ou jornais, e, por vezes, inserir uma clarificação não deve ser visto como um erro de tradução, mas sim uma preocupação com o destinatário da tradução e com o contexto social e linguístico do público-alvo. Para fazer uma tradução há que ter sempre em conta o público-alvo a que esta se destina, e mais importante do que ter um bom conhecimento da língua de partida, é necessário um perfeito conhecimento da língua de chegada.

4.4. Apreciação de obras

A última actividade que exerci neste estágio foi a de apreciação de obras no sentido de avaliar o seu valor para uma eventual publicação na editora. Posso dizer que esta foi a actividade mais entusiasmante de todas e aquela que mais está relacionada com o papel de um editor, pois trata-se da primeira fase do processo que anteriormente pude explicar.

Um dos textos que analisei chamava-se *Cyberpsychologie: Leben im Netz: Wie das Internet uns verändert*, de Catarina Katzer. Tratava-se de um texto sobre os efeitos da *internet* nas nossas vidas e como o nosso comportamento e mente se vão alterando à medida que a tecnologia se embrenha com cada vez maior força nas nossas vidas. A tarefa que me foi incumbida foi a de fazer um breve resumo da obra e de dar um parecer positivo ou negativo à sua publicação tendo em conta os livros publicados pela editora. Naturalmente que um livro tem sempre aspectos positivos e negativos e este não foi excepção: tem uma boa apresentação das ideias, mas peca por superficial. Agora o que teria mais peso? Não basta fazer uma avaliação qualitativa da obra, embora isso seja, obviamente, o mais importante, é também importante ver outros aspectos como a quem se destina este livro, ou a oportunidade do tema no momento actual do mundo e da sociedade, ou se o autor é relevante. Existem portanto muitos aspectos a ter em conta aquando da avaliação de uma obra, não é algo tão linear como parece.

4.5. Outros

As quatro aqui apresentadas foram as actividades de maior relevo no meu estágio curricular. No entanto, houve outras actividades em que pude participar e que aprendi durante este período. Um exemplo disso foi uma reunião a que pude assistir em que foram apresentadas as novidades a ser publicadas naquele mês. É uma reunião que reúne os departamentos editorial, comercial e de *marketing* e em que as editoras falam dos livros novos, das tiragens propostas e dos preços que vão estabelecer para os livros. Também são pensadas possíveis estratégias de *marketing* tendo em conta os temas dos livros.

Por vezes, ainda, as editoras elucidavam-nos sobre outros tipos de trabalho que é necessário fazer, mas que muitas vezes ficam na sombra, como é o caso do preenchimento de folhas de custo que servem para determinar qual será o custo da edição de um livro desde os custos de tradução, revisão, *design*, etc.

4.6. Lista de obras

Segue-se agora uma lista de todas as obras em que trabalhei ao longo do estágio divididas por tipo de actividade.

Índices remissivos:

Antes de Auschwitz, Kim Wünschmann

Os Inimigos Íntimos da Democracia, Tzvetan Todorov



Figura 6 - Capa de *Antes de Auschwitz*, de Kim Wünschmann

Revisão de emendas:

Oceanos de Vinho, David Hancock

Contraprovas:

Estudos sobre a Globalização, Diogo Ramada Curto (org.)

Histórias de África – Capitalismo, modernidade e globalização, Frederick Cooper

Revisão em PDF ou em Word:

Minima Moralia, Theodor W. Adorno

Ética: dos Fundamentos às Práticas, Maria do Céu Patrão Neves (org.)

O Trabalho no Ecrã – Memórias e Identidades Sociais através do Cinema,

Luísa Veloso e Frédéric Vidal

As Religiões da Pré-História, André Leroi-Gourhan

A Filosofia da Educação, Olivier Reboul

O Grande Reajustamento – As guerras do ouro e o xeque-mate financeiro,

Willem Middelkoop

Morte e Sobrevivência, Max Scheler

O Projeto da Produtividade – Como fazer mais e melhor gerindo o tempo, a atenção e a energia, Chris Bailey



Figura 7 - Capa de *Ética: dos fundamentos às práticas*.



Figura 8 - Capa de *O Grande Reajustamento*, de Willem Middelkoop

Tradução de contracapa e badanas:

O Projeto da Produtividade – Como fazer mais e melhor gerindo o tempo, a atenção e a energia, Chris Bailey

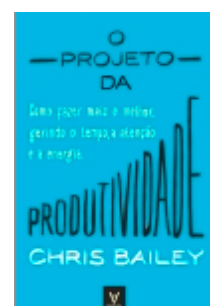


Figura 9 - Capa de *O Projeto da Produtividade*, de Chris Bailey

Apreciações:

Cyberpsychologie: Leben im Netz: Wie das Internet uns verändert, Catarina Katzer

The Two Koreas – A contemporary history, Don Oberdorfer e Robert Carlin

North Korea: State of Paranoia, Paul French

The Real North Korea, Andrei Lankov

5. Reflexão

5.1. As minhas dificuldades e a importância do mestrado

O trabalho que realizei na editora não foi diferente da expectativa que tinha. Esperava que predominasse a revisão de texto, porque é o que normalmente é atribuído a recém-chegados, e assim foi. Não é um trabalho muito difícil e não acarreta uma grande responsabilidade. As dificuldades que tive na realização de algumas tarefas foram dificuldades que não estavam relacionadas com o grau de exigência da tarefa em si, deviam-se, antes, ao meu desconhecimento de certas regras da editora. Por exemplo, ignorava algumas das regras de estilo do texto como as respeitantes às translineações, não sabia que era necessário indicar a existência de duas palavras repetidas no fim de duas linhas consecutivas e, portanto, de início, não o fiz. Outro tipo de dificuldade prendia-se com a morosidade intrínseca a certas tarefas. Logo a primeira que fiz, o índice remissivo de *Antes de Auschwitz*, foi uma tarefa que demorou muito tempo a ser concluída, e tendo em conta o seu carácter de urgência - a pressa para a terminar era grande -, o resultado foi que não consegui fazer tudo o que me tinha sido pedido e a tarefa foi concluída por outras pessoas. Possivelmente, hoje, faria tudo com maior rapidez, é essa a mais-valia da experiência. Por isso, talvez “dificuldades” não seja a palavra certa, o que aconteceu foi que necessitei de um período de adaptação a um trabalho que nunca tinha feito antes. A inexperiência foi a causa dos meus erros.

O estágio permitiu-me também ter um contacto muito mais íntimo com o mundo editorial, que antes apenas conhecia do exterior e das aulas de mestrado. Apesar de muita informação não ser partilhada com os estagiários - não por confidencialidade, mas simplesmente por uma questão espacial: as mesas dos estagiários eram num local e a das editoras noutro, pelo que a comunicação não era a mais eficiente; ainda assim, faziam questão de nos mostrar certas coisas como as folhas de cálculo ou capas de livros que iam sendo publicados. Porém, foi possível aprender muita coisa nova e sentir o ambiente de trabalhar numa editora, neste caso num grupo editorial. Penso que a diferença entre uma e outro está apenas na maior quantidade de trabalho do grupo editorial, já que os processos de edição do livro deverão ser, com ligeiras diferenças, semelhantes de editora para editora.

Muito daquilo que aprendi durante estes dois meses e meio também não me foi totalmente estranho. Acho que certos seminários do mestrado contribuíram para alguma da minha preparação para este trabalho.

Por estranho que possa parecer, um dos seminários mais úteis foi um que não fazia parte da estrutura curricular do mestrado em Edição de Texto: Teorias e Práticas de Escrita e Revisão de Texto. Escolhi este seminário na esperança de ter algumas luzes sobre as técnicas de revisão de texto, uma vez que sabia que seria esse o principal trabalho quando comesse a trabalhar numa editora e, embora não tenha sido o foco principal do seminário, a alguma prática de revisão que fizemos serviu para não partir do zero quando comecei o estágio. Aliás, além da entrevista que me foi feita para ingressar na Almedina, foi-me pedido que realizasse um teste para demonstrar as minhas competências na área da revisão. Por isso, penso que talvez um seminário totalmente dedicado à revisão de texto seja algo a considerar para o eventual futuro deste mestrado, visto que é a actividade mais comumente praticada pelos estagiários em editoras. E este foi o único seminário de todo o mestrado que representou uma aplicabilidade prática no mundo real.

Houve outros seminários que, tendo em conta as suas características, nunca poderiam ter uma aplicabilidade prática no meu estágio, foi, por exemplo, o caso de Crítica Textual. Percebo a sua importância e acho que faz todo o sentido o seu lugar enquanto disciplina integrante deste mestrado, porque, embora não tenha utilizado os conhecimentos que aí aprendi, julgo que se trata de uma disciplina muito importante caso decida continuar nesta área, sinto que me deu ferramentas para lidar com um tipo de trabalho diferente, algo que poucos outros seminários me deram.

No geral, penso que houve um ou dois seminários que tiveram alguma relevância para o estágio, mais um ou dois que não tiveram, mas que considero importantes para um futuro na área da edição. Muitos deles foram demasiado teóricos, repetindo assuntos que já havia explorado na Licenciatura; outros, embora práticos, acabaram por ser redundantes, porque pouco tinham que ver com o trabalho em editoras. Julgo que o mestrado deveria ser repensado e algumas disciplinas obrigatórias deveriam ser excluídas em detrimento de outras de cariz mais prático, uma vez que o mundo da edição não é tanto um mundo de investigação. Aulas sobre literatura, apesar de muito interessantes, não deveriam ter, na minha opinião, tanta relevância como têm. Já aulas em que fossem abordados assuntos como os direitos de autor, que é um tema burocrático mas muito importante para uma editora, seriam com

certeza uma grande mais-valia. Também seria de valorizar uma maior importância acordada às aulas sobre a utilização de ferramentas como o *InDesign* ou o *Illustrator* que poderão dar muito jeito, já que hoje em dia a paginação é um passo fundamental no processo da edição.

5.2. A perspectiva editorial no Grupo Almedina

Tendo em conta o público a que as chancelas do Grupo Almedina se dirigem – público maioritariamente académico –, a qualidade dos textos publicados não pode ser posta de lado em prol de uma visão exclusivamente ou sobretudo comercial da edição. Por conseguinte, o trabalho que se faz neste Grupo tem sempre como objectivo primeiro a edição de textos de qualidade, pois caso assim não fosse não seria o grupo editorial de referência que é hoje em Portugal. O público da Almedina é um público exigente e conhecedor, qualificado e interessado, seria de todo impossível num Grupo que se concentra em publicar textos ensaísticos de áreas como as ciências humanas ou a Gestão, ter outra perspectiva da edição que não esta, porque existe uma grande distinção entre editar livros de ficção para o grande público e editar ensaios: no primeiro caso é a editora que vai atrás do leitor com o seu charme propagandístico e com as suas simples frases que dizem tudo e não dizem nada ao mesmo tempo; no segundo, é o leitor que vai atrás do livro, não é preciso esconder a falta de qualidade com o artifício da forma, porque o leitor do Grupo Almedina sabe o que quer e sabe o que vai encontrar se vir que o texto que pretende foi editado na Almedina. É da própria natureza do tipo de texto publicado a exigência desta visão da edição, nunca poderia ser de outra forma, porque os leitores não o aceitariam.

Isto não quer, porém, dizer que a Almedina não seja uma editora com interesses financeiros. Por vezes, são editados textos que, por exemplo, foram patrocinados por entidades externas e que por isso a editora não despende dinheiro na sua produção, tendo apenas a ganhar com a publicação do livro. Obviamente não será qualquer texto, apenas por ter este apoio à edição, que vai ser publicado, é necessário conjugar a vantagem de o livro estar pago com a sua qualidade, o texto tem que se enquadrar numa das colecções das chancelas do Grupo Almedina; isto é, um livro sobre astrologia, por pago que esteja, nunca veria a luz do dia neste Grupo, porque o seu carácter não se identifica com o da Almedina. Um exemplo de um livro em que

esta situação ocorreu foi no *Oceanos de Vinho*, de David Hancock: o livro já estava pago à partida, mas sendo que se trata de um livro de História, que mostra a evolução da produção do vinho da Madeira, poderia adequar-se a uma colecção de História e preencher uma lacuna nessa área pouco explorada. A História como vimos é um dos principais temas explorados pelas Edições 70.

Portanto, percebemos que pela sua natureza a Almedina é obrigada a editar textos de qualidade que vão ao encontro dos interesses dos seus leitores. Não é comparável com as editoras de ficção, o seu objectivo é a divulgação de textos ensaísticos de qualidade em Portugal, o foco não é vender a todo o custo. Claro que, sendo uma empresa, além do objectivo de editar grandes textos, a Almedina, para continuar a editá-los, necessita, de tempos a tempos, de se vergar aos interesses comerciais, tentando, no entanto, conciliá-los com interesses mais elevados. Tive sorte em ter sido aceite para realizar o estágio curricular neste Grupo, porque, além de estar muito bem organizado estruturalmente e editar livros que vão ao encontro dos meus próprios interesses pessoais, me ofereceu a possibilidade de ali continuar já no âmbito de um estágio profissional.

Conclusão

O estágio curricular que realizei permitiu-me ter uma perspectiva diferente da que tinha no que diz respeito ao trabalho numa editora. Uma coisa é falar sobre o que se faz numa editora num meio académico, como fizemos no mestrado; outra, muito diferente e muito menos florida, é a experiência do mundo real. A ideia transmitida pelas aulas do mestrado sobre aquilo que é a edição foi muito mais agradável do que a realidade se veio a demonstrar. Isto porque a realidade é muito mais monótona do que aquilo que pensava. Isso deve-se, também, ao facto de os estagiários não terem nunca os trabalhos mais entusiasmantes à sua disposição. E, para que fique claro, esta monotonia nas tarefas realizadas nada tem a ver com algum erro da parte das editoras que delegavam o trabalho, porque estas tentavam diversificá-lo na medida do possível. Deve-se, antes, ao facto geral de o trabalho de revisão que cabe aos estagiários ser intrinsecamente monótono, repetitivo e automático, isto é, não são precisos grandes raciocínios para o fazer, nem sequer é preciso um mestrado para fazê-lo, podendo alguém com um domínio muito bom da língua portuguesa realizá-lo da mesma forma que um mestrando de Edição de Texto.

Terminando agora este ano e meio de mestrado, apercebo-me de que talvez o mundo da edição não seja o mundo que me atraía no início, quando comecei. Esta sensação que tenho talvez se deva ao facto de estar ainda no início da minha vida profissional e poderá modificar-se à medida que for avançando, admito que sim. No entanto, vejo esta apenas como uma fase transitória para outro tipo de trabalhos. Quais? Não sei, mas certamente que os descobrirei.

Penso que de tudo o que este mestrado teve a oferecer, o melhor foi sem dúvida alguma o estágio curricular. Tenho plena consciência de que não o conseguiria se não me tivesse inscrito no mestrado de Edição de Texto e, apesar de tudo, penso que foi uma boa porta para eventualmente arranjar posteriores trabalhos nas áreas humanísticas que tanto me interessam.

Fontes

<http://www.sabado.pt/dinheiro/detalhe/almedina-uma-historia-que-comecou-em-coimbra-ha-60-anos>

<http://www.dn.pt/dossiers/economia/made-in-portugal-mes-das-marcas-com-historia/noticias/interior/a-preto-e-branco-se-escreve-a-historia-da-almedina-2200614.html>

<http://www.grupoalmedina.net/?q=node/32>

<http://www.grupoalmedina.net/?q=node/2>

<http://www.grupoalmedina.net/?q=node/4>

<http://www.edicoes70.pt/site/node/3>